

A QUEDA DO CÉU

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

A queda do céu

Palavras de um xamã yanomami

Tradução

Beatriz Perrone-Moisés

Prefácio

Eduardo Viveiros de Castro



Copyright © 2010 by Plon

Este livro foi publicado com o apoio do Instituto Socioambiental e do Instituto Arapyaú



Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2011 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien de l'ambassade de France au Brésil.

Este livro, publicado no âmbito do programa de apoio à publicação 2011 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio da Embaixada da França no Brasil.



Edição apoiada pelo Goethe-Institut no âmbito do projeto “Amazônia — Teatro música em três partes”.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La Chute du ciel: Paroles d'un chaman yanomami

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Sem título, da série Identidade, Claudia Andujar, 1976. Técnica fotografia: gelatina de prata sobre papel Ilford Multigrade peso duplo com banho de selênio. Cortesia Galeria Vermelho

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Índices

Luciano Marchiori

Revisão

Jane Pessoa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Kopenawa, Albert, Bruce, Davi

A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: La Chute du ciel : Paroles d'un chaman yanomami.

ISBN 978-85-359-2620-0

1. Índios da América do Sul 2. Índios Yanomami — Brasil Biografia 3. Índios Yanomami — Brasil — Século 20 4. Kopenawa, Davi 5. Xamanismo — Brasil — Século 20 6. Xamãs — Brasil — Biografia I. Albert, Bruce. II. Título.

15-05316

CDD-980.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Xamanismo Yanomami : Povos indígenas : Cultura : América do Sul 980.41

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

[...] Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam, para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós. O xamã yanomami — cujo testemunho pode ser lido adiante — não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um. Lutando desesperadamente para preservar suas crenças e ritos, o xamã yanomami pensa trabalhar para o bem de todos, inclusive seus mais cruéis inimigos. Formulada nos termos de uma metafísica que não é a nossa, essa concepção da solidariedade e da diversidade humanas, e de sua implicação mútua, impressiona pela grandeza. É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende — e somos ainda muito poucos a compreendê-lo — nossa própria sobrevivência.

Claude Lévi-Strauss (1993, p. 7).

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

Davi Kopenawa

Sumário

Prefácio — O recado da mata — Eduardo Viveiros de Castro 11

Prólogo 43

MAPAS 55

Palavras dadas 63

DEVIR OUTRO

1. Desenhos de escrita 69

2. O primeiro xamã 80

3. O olhar dos *xapiri* 88

4. Os ancestrais animais. 110

5. A iniciação. 132

6. Casas de espíritos 156

7. A imagem e a pele 174

8. O céu e a floresta 193

A FUMAÇA DO METAL

9. Imagens de forasteiros	221
10. Primeiros contatos.	235
11. A missão	254
12. Virar branco?.	274
13. O tempo da estrada	291
14. Sonhar a floresta	311
15. Comedores de terra	334
16. O ouro canibal	356

A QUEDA DO CÉU

17. Falar aos brancos	375
18. Casas de pedra	394
19. Paixão pela mercadoria	406
20. Na cidade.	421
21. De uma guerra a outra	439
22. As flores do sonho	454
23. O espírito da floresta	467
24. A morte dos xamãs	488

Palavras de <i>Omama</i>	499
------------------------------------	-----

<i>Postscriptum — Quando eu é um outro (e vice-versa).</i>	512
--	-----

ANEXOS

I. Etnônimo, língua e ortografia	553
II. Os Yanomami no Brasil	557
III. A respeito de <i>Watoriki</i>	564
IV. O massacre de Haximu	571
Glossário etnobiológico	583
Glossário geográfico	599

<i>Notas</i>	609
------------------------	-----

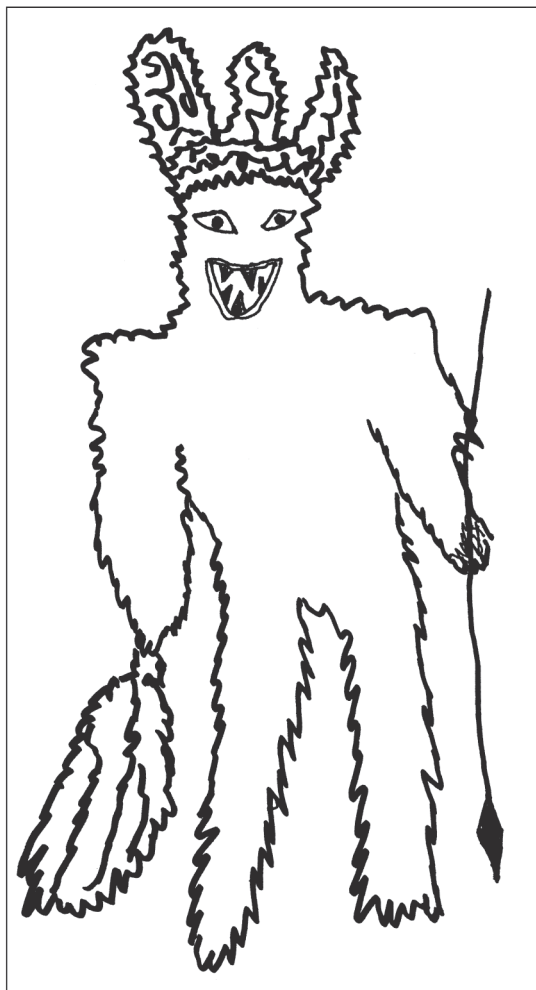
<i>Agradecimentos.</i>	692
--------------------------------	-----

<i>Referências bibliográficas</i>	694
<i>Créditos dos mapas.</i>	708

ÍNDICES

Índice temático.	711
Índice de entidades xamânicas e cosmológicas	723

16. O ouro canibal



Xawara: a fumaça do metal.

Os brancos não entendem que, ao arrancar minérios da terra, eles espalham um veneno que invade o mundo e que, desse modo, ele acabará morrendo.

Davi Kopenawa
BBC Wildlife, 5 maio 1990

As coisas que os brancos extraem das profundezas da terra com tanta avidez, os minérios e o petróleo,¹ não são alimentos. São coisas maléficas e perigosas, impregnadas de tosses e febres,² que só *Omama* conhecia. Ele porém decidiu, no começo, escondê-las sob o chão da floresta para que não nos deixassem doentes. Quis que ninguém pudesse tirá-las da terra, para nos proteger. Por isso devem ser mantidas onde ele as deixou enterradas desde sempre. A floresta é a carne e a pele de nossa terra, que é o dorso do antigo céu *Hutukara* caído no primeiro tempo.³ O metal que *Omama* ocultou nela é seu esqueleto, que ela envolve de frescor úmido. São essas as palavras dos nossos espíritos, que os brancos desconhecem. Eles já possuem mercadorias mais do que suficientes. Apesar disso, continuam cavando o solo sem trégua, como tatus-canastra. Não acham que, fazendo isso, serão tão contaminados quanto nós somos. Estão enganados.

Muitas vezes pensei, durante a noite, nessas coisas debaixo da terra que os brancos cobiçam tanto. Perguntava a mim mesmo: “Como teriam vindo a existir? De que são feitas?”. Por fim, os *xapiri* me permitiram ver sua origem no tempo do sonho. O que os brancos chamam de “minério” são as lascas do céu, da lua, do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo.⁴ Por isso nossos antigos sempre nomearam o metal brilhante *mareaxi* ou *xitikarixi*, que é também o nome das estrelas.⁵ Esse metal debaixo da terra vem do antigo céu *Hutukara* que desabou antigamente sobre os nossos ancestrais.⁶ Tornado fantasma durante o sono, eu também vi os brancos trabalhando com esses minérios. Arrancavam e raspavam grandes blocos deles, com suas máquinas, para fazer painéis e utensílios de metal. Porém, não pareciam se dar conta de que esses fragmentos de céu antigo são perigosos. Ignoravam que sai deles uma fumaça de metal densa e amarelada, uma fumaça de epidemia tão poderosa que se lança como uma arma para matar os que dela se aproximam e a respiram.



Penso que na verdade não foi *Omama* que criou esse metal.⁷ Encontrou-o no solo e com ele escorou a nova terra que acabara de criar, antes de cobri-la com árvores e espalhar os animais de caça pela floresta. Ao descobri-lo, pensou que os humanos poderiam utilizá-lo para abrir suas roças com menos trabalho. Contudo, por precaução, só deixou a nossos ancestrais alguns fragmentos dele depois de torná-los inofensivos. Com eles puderam fabricar machadinhas. *Omama* ocultou sua parte mais dura e maléfica no frescor da terra, debaixo dos rios. Temia que seu irmão *Yoasi* fizesse mau uso dele. De modo que deu a nossos ancestrais o metal menos nocivo, mas também o menos resistente. Disse a eles: “Tomem esses poucos pedaços para trabalhar em suas roças e não desejem mais! Guardarei o restante, que é perigoso! Ele agora pertencerá aos espíritos!”. Esse outro metal, o de *Omama*, muito pesado e ardente, é o verdadeiro metal. É o mais sólido, mas também o mais temível. Se ele não o tivesse ocultado desse modo, *Yoasi*, sempre desastrado, logo teria revelado sua existência a todos e desse modo a floresta já teria sido destruída por completo há muito tempo!

Porém, apesar da prudência de *Omama*, *Yoasi* conseguiu assim mesmo fazer chegar a notícia da existência desse metal aos ancestrais dos brancos. Por isso eles acabaram por atravessar as águas para vir à sua procura na terra do Brasil. Não é à toa que os brancos querem hoje escavar o chão de nossa floresta. Eles não sabem, mas as palavras de *Yoasi*, o criador da morte, estão neles. Assim é. Os garimpeiros são filhos e genros de *Yoasi*. Tornados seres maléficos, esses brancos só fazem seguir seus passos. São comedores de terra cheios de fumaças de epidemia. Acham-se todo-poderosos mas seu pensamento é cheio de escuridão. Eles não sabem que *Yoasi* colocou também a morte nesses minérios que tanto buscam. *Omama* os escondeu para que o choro do luto não nos atormentasse sem trégua. Ao contrário, deu-nos os *xapiri*, para podermos nos

curar. Nós somos seus genros e filhos. É por isso que tememos arrancar essas coisas ruins da terra. Preferimos caçar e abrir roças na floresta, como ele nos ensinou, em vez de cavar seu solo como tatus e queixadas!

Com suas máquinas, os garimpeiros só conseguiram até agora sugar pó de ouro do fundo dos rios. Mas esses são apenas os filhos do metal. Os brancos ainda não conhecem o pai do ouro,⁸ que está escondido bem mais fundo, no centro das terras altas, onde *Omama* veio à existência. Sem que o saibam, é esse verdadeiro metal de *Omama* que os garimpeiros querem atingir. Vi-os muitas vezes em sonho destruir a floresta toda à sua procura. Ficam seguindo a pista de seus destroços em todas as direções. Mas é sempre em vão, porque *Omama* o soterrou no mais fundo da terra e os *xapiri* ficam desviando a atenção deles. Assim que se aproximam, os espíritos da vertigem *mōeri* os desorientam e os espíritos tatu-canastra os envolvem numa fumaça impenetrável. *Omama* enterrou esse metal junto ao ser do caos *Xiwāripo*. Cercado por espíritos do vendaval *Yariporari*, está também sob a guarda dos espíritos guerreiros *napēnapēri* dos ancestrais brancos. Se os brancos de hoje conseguirem arrancá-lo com suas bombas e grandes máquinas, do mesmo modo que abriram a estrada em nossa floresta, a terra se rasgará e todos os seus habitantes cairão no mundo de baixo.

Esse metal das profundezas é tão duro que pode cortar pedras sem se estragar. Os outros minérios, como o ouro, a cassiterita ou até o ferro, estão mais próximos da superfície do solo, por isso são mais frágeis. As lâminas de faca perdem o corte e as de machado se quebram. As painéis furam e ficam amassadas. É por isso que os brancos ficam procurando sem trégua esse metal verdadeiro, que não se deteriora. Eles ainda não estão satisfeitos com as mercadorias e máquinas fabricadas até o momento com os minérios que conseguiram arrancar do solo. Agora querem possuir objetos que não envelhecem e jamais se degradam. Porém, tudo isso vai acabar mal, pois, como eu disse, essas coisas do fundo da terra são muito perigosas. Se os brancos um dia chegassem até o metal de *Omama*, a poderosa fumaça amarelada de seu sopro se espalharia por toda parte, como um veneno tão mortal quanto o que eles chamam de bomba atômica.

Os minérios ficam guardados no frescor do solo, debaixo da terra, da floresta e de suas águas. Estão cobertos por grandes rochas duras, pedregulhos

ocos, pedras brilhantes, cascalho e areia. Tudo isso contém seu calor, como uma geladeira de vacinas. Já disse: essas coisas caídas do primeiro céu são muito quentes. Se forem todas postas a descoberto, incendiarão a terra. Esfriando no solo elas só exalam um sopro invisível, que se propaga por suas profundezas como uma brisa úmida. Mas quando a floresta se aquece sob o sol, esse sopro pode se tornar perigoso. É por isso que deve permanecer preso no frio do solo, onde as pedras e a areia, como uma tampa de panela, retêm seu vapor maléfico e o impedem de se espalhar.

Não foi portanto à toa que *Omama* soterrou o ferro, o ouro, a cassiterita e o urânio,⁹ deixando acima do solo só nossos alimentos. Assim guardados pelo frio dos seres da terra que chamamos *maxitari* e do ser maléfico do tempo chuvoso, *Ruëri*, os minérios não representam perigo. Mas se os brancos os arrancarem todos do solo, afugentarão o vento fresco da floresta e queimarão seus habitantes com sua fumaça de epidemia. Nem as árvores, nem os rios, nem mesmo os *xapiri* poderão conter seu calor. Então, ao ficar sem peixes para comer e sem néctar de flores para beber, o ser sol *Moth'okari*, que é também um ser onça, descerá à terra, enfurecido, para devorar os humanos como se fossem macacos moqueados. Depois, mais tarde, quando os brancos tiverem acabado de extrair todos os minérios, seu calor irá se dissipar e a terra se resfriará pouco a pouco, pois são eles que aquecem suas profundezas. A lâmina dos machados não fica mesmo ardente sob o sol? Assim é. De dia, o sol é muito forte e não deixa o frio do céu descer à terra. De noite, é o calor que ficou no metal da terra que o empurra para as alturas. Onde o solo é muito quente, é porque no mais fundo dele há pedras e metais. Onde o solo é vazio, faz muito frio, as nuvens são baixas e quase não se vê o sol. Deve ser o caso das terras distantes de onde os ancestrais dos brancos já extraíram todo o minério.

Omama escondeu seu metal lá no meio dos morros das terras altas, onde também fez jorrar os rios. É de lá que surgem os ventos e o frescor da floresta. É de lá que vem sua fertilidade. Quando fazemos dançar a imagem desse pai dos minérios, ela se apresenta a nós como uma montanha de ferro subterrânea, cheia de imensas hastes fincadas em todos os lados. *Omama* a colocou nas profundezas do solo para manter a terra no lugar e impedir que a ira dos trovões e dos raios a faça tremer e a desloque. Cravou-a lá como nós fazemos com os

postes de nossas casas, para que elas não balancem durante as tempestades. Assim, esse ferro está enfiado na terra como as raízes das árvores. Ele a mantém firme como espinhas fazem com a carne dos peixes e esqueletos com a de nosso corpo. Torna-a estável e sólida, como nosso pescoço faz nossa cabeça ficar reta. Sem essas raízes de metal, ela começaria a balançar e acabaria desabando sob nossos pés. Isso não acontece em nossa floresta, pois ela está no centro da terra, onde esse metal de *Omama* está soterrado. No entanto, entre os brancos, em seus confins, onde o solo é mais friável, acontece às vezes de ela tremer e se romper, destruindo cidades.

Se os brancos começarem a arrancar o pai do metal das profundezas do chão com seus grandes tratores, como espíritos de tatu-canastra,¹⁰ logo só restarão pedras, cascalho e areia. Ele ficará cada vez mais frágil e acabaremos todos caindo para debaixo da terra. É o que vai ocorrer se atingirem o lugar em que mora *Xiwāripo*, o ser do caos, que, no primeiro tempo, transformou nossos ancestrais em forasteiros.¹¹ O solo, que não é nada grosso, vai começar a rachar. A chuva não vai mais parar de cair e as águas vão começar a transbordar de suas rachaduras. Então, muitos de nós serão lançados à escuridão do mundo subterrâneo e se afogarão nas águas de seu grande rio, *Moto uri u*. Escavando tanto, os brancos vão acabar até arrancando as raízes do céu, que também são sustentadas pelo metal de *Omama*. Então ele vai se romper novamente e seremos aniquilados, até o último. Esses pensamentos me atormentam muito. Por isso levo em mim as palavras de *Omama* para defender nossa floresta. Os brancos não pensam nessas coisas. Se o fizessem, não arrancariam da terra tudo o que podem, sem se preocupar. É para acabar com isso que quero fazer com que eles ouçam as palavras que os *xapiri* me deram no tempo do sonho.

Meu sogro é um grande xamã, como eu disse. É muito sábio. Ninguém tem mais conhecimento do que ele em *Watoriki*. Foi ele o primeiro a ver a imagem do metal de *Omama* e a fazê-la descer. Desde então, os demais xamãs de nossa casa também a fazem dançar. No meu caso, foi primeiro no sonho que vi o pai do ouro e dos outros minérios. Aconteceu quando, doente de malária, ardendo em febre e tornado fantasma, minha imagem foi levada pelo espírito da terra, *Maxitari*, até o mais profundo do mundo subterrâneo. É por essa razão que posso falar disso! A imagem do pai do ouro é gigantesca e impregnada de fu-

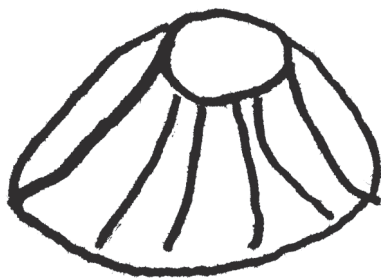
maça de epidemia. Trata-se de um ser maléfico assustador e feroz, capaz de nos cortar a garganta, de dilacerar nossos pulmões e de secar nosso sangue. Os brancos têm de saber disso e desistir de se apoderar do metal de *Omama*. Talvez seja o mais belo e o mais sólido que eles possam encontrar para fabricar suas máquinas e mercadorias, mas é perigoso demais para os humanos.

Para nossos maiores, o ouro não passava de pontinhos brilhantes na areia dos rios, como o que chamamos *mõhere*.¹² Coletavam-no para fabricar uma substância de feitiçaria com a qual cegavam as pessoas com quem estavam bravos. Antigamente, esse pó de metal¹³ era muito temido. Hoje, os rapazes não sabem mais para que serve. Há muito dele no igarapé perto de nossa casa, mas ninguém ousa tocá-lo, com medo de perder a visão. Meu sogro, que é um homem dos tempos antigos, chama-o *hipërea*,¹⁴ o pó que cega. Ele também faz descer a imagem do pai de seu metal, *Hipërer*, que vem de debaixo da terra. É por isso que chamamos os fragmentos de metal brilhante que os garimpeiros tiram do leito dos rios *oru hipëre a*, o pó de cegueira do ouro. Quando os brancos arrancam os minérios da terra, trituram-nos com suas máquinas e depois os aquecem em suas fábricas. Ele então exala uma poeira fina, que se propaga como uma brisa invisível em suas cidades. É uma coisa de feitiçaria perigosa, que entra nos olhos e vai estragando a vista. Por isso tantas crianças dos brancos são obrigadas a prender os olhos atrás de cacos de vidro para ler seus desenhos de escrita!

As palavras da imagem de *Omama* nos ensinam a recear o ouro e os demais minérios. Trata-se de coisas maléficas desconhecidas e temíveis, que só provocam doença e morte. O ouro, quando ainda é como uma pedra, é um ser vivo. Só morre quando é derretido no fogo, quando seu sangue evapora nas grandes panelas das fábricas dos brancos. Aí, ao morrer, deixa escapar o perigoso calor de seu sopro,¹⁵ que chamamos de *oru a wakixi*, a fumaça do ouro. Ocorre o mesmo com todos os minérios, quando são queimados. É por isso que a fumaça dos metais, do óleo dos motores, das ferramentas, das panelas e de todos os objetos que os brancos fabricam se misturam e se espalham por suas cidades. Esses vapores, quentes, densos e amarelados como gasolina, colam no cabelo e nas roupas. Entram nos olhos e invadem o peito. É um veneno que suja o corpo dos brancos das cidades, sem que o saibam. Depois, toda essa

fumaça maléfica flui para longe e, quando chega até a floresta, rasga nossas gargantas e devora nossos pulmões. Queima-nos com sua febre e nos faz tossir sem trégua, e vai nos enfraquecendo, até nos matar. Antigamente, pensávamos que chegava até nós sem motivo, ao acaso. Mais tarde, porém, nossos espíritos *xapiri* viajaram até as remotas terras dos brancos. Lá viram todas as suas fábricas e nos trouxeram palavras delas.

Agora sabemos de onde provém essa fumaça maléfica. É a fumaça do metal, que também chamamos de fumaça dos minérios. São todas a mesma fumaça de epidemia *xawara*,¹⁶ que é nossa verdadeira inimiga. *Omama* enterrou os minérios para que ficassem debaixo da terra e não pudessem nunca nos contaminar. Foi uma decisão sábia e nenhum de nós jamais teve a ideia de cavar o solo para tirá-los da escuridão! Essas coisas maléficas permaneciam bem enterradas, e nossos maiores não ficavam doentes o tempo todo, como ficamos hoje. Todavia, os brancos, tomados por seu desconhecimento, puseram-se a arrancar os minérios do solo com avidez, para cozê-los em suas fábricas. Não sabem que, fazendo isso, liberam o vapor maléfico de seu sopro. Este sobe então para todas as direções do céu, até chocar-se com seu peito. Depois volta a cair sobre os humanos, e é assim que acaba nos deixando doentes. Seu veneno é terrível. Não sabemos o que fazer para resistir a ele. É por isso que ficamos tão aflitos. Apesar de toda essa fumaça de epidemia não estar ainda tão alta acima de nossa terra, espalha-se e acumula-se sem parar. Já se alastra por toda parte nas cidades em que se encontram as fábricas dos brancos.¹⁷ Agora, os garimpeiros estão empestecendo a floresta com os gases de seus motores e os vapores do ouro e do mercúrio que eles queimam juntos.¹⁸ Depois, antes de venderem seu ouro na cidade, guardam-no em caixas de ferro que, aquecidas pelo sol, também exalam eflúvios ruins. Depositam no solo sacos cheios de cassiterita, que também disseminam fumo de doença. Então, todas essas fumaças, levadas pelo vento, caem sobre a floresta e sobre nós. Tudo isso se mistura, para se tornar uma única epidemia *xawara*, que dissemina por toda parte febre, tosse e outras doenças desconhecidas e ferozes que devoram nossas carnes. Essa *xawara* que invade a floresta inteira vai fazer de nós tatus esfumaçados para saírem da toca! Se o pensamento dos brancos não mudar de rumo, tememos morrer todos antes de eles mesmos acabarem se envenenando com ela!



Quando essa fumaça densa e pegajosa nos atinge pela primeira vez, é muito perigosa para nossas crianças, nossas mulheres e nossos idosos. Eles têm uma carne que ainda desconhece sua força maléfica e, assim, ela consegue matá-los quase todos de uma vez. Foi o que aconteceu com meus parentes, no passado, com a epidemia de sarampo de Toototobi, aquela que por pouco não matou a mim também!¹⁹ Agora, é a malária dos garimpos, também muito agressiva, que tememos. Assim é. O sopro vital dos habitantes da floresta é frágil diante dessas fumaças de *xawara*. Leva muito tempo até que nossa carne aprenda a endurecer e a resistir a elas. Mas não é à toa. Nossos antigos jamais tinham respirado esses eflúvios de morte. Seu corpo tinha permanecido frio na floresta das terras altas. Quando essas fumaças surgiram, não tiveram forças para se defender. Todos arderam em febre e logo ficaram como fantasmas. Faleceram rapidamente, em grande número, como peixes na pesca com timbó. Foi assim que os primeiros brancos fizeram desaparecer quase todos os nossos antigos.

Antigamente, nossos avós também detinham coisas de feitiçaria, como folhas *oko xi*, *hayakoari* e *parapara hi*, que usavam para enviar fumaças de epidemia famintas de carne humana sobre seus inimigos.²⁰ Essas plantas eram temidas e poderiam ter dizimado também os brancos se tivessem queimado no meio de suas cidades! Nossos maiores partiam com essas plantas em expedições secretas de feiticeiros *oka* e as jogavam no fogo perto das casas que queriam contaminar. Assim que a fumaça caía sobre seus habitantes, eles não demoravam a morrer, um atrás do outro. Essas fumaças de *xawara* eram mesmo muito temíveis! A da planta *oko xi*, que pertencia às mulheres velhas, por exemplo, atingia primeiro os homens mais vigorosos, antes de liquidar em seguida as moças mais belas. Só escapavam dela alguns velhos e adultos descarnados. Foi

o que ouvi contar quando era criança. Os maiores não nos deixaram essas plantas de feitiçaria. Elas se perderam. Não sabemos mais usá-las. Se assim não fosse, eu diria: “É verdade, possuímos plantas ruins que um dia servirão para nos vingar daqueles que nos mataram!”. Mas não temos mais nada disso. Apenas ouvimos falar quando éramos novos. Em compensação, o que conhecemos bem, desde a infância, são as fumaças de epidemia dos brancos que devoraram todos os nossos parentes!

Outrora, antes da chegada da estrada e dos garimpeiros, foram os brancos dos rios²¹ que primeiro fizeram queimar epidemias *xawara* contra nossos antigos. Por raiva, faziam explodir nos ares ou esquentavam em caixas de metal coisas desconhecidas que logo propagavam uma fumaça de morte. Agora, porém, não é mais assim. Os brancos espalham suas fumaças de epidemia por toda a floresta à toa, sem se dar conta de nada, só arrancando o ouro e os outros minérios da terra. Os vapores que saem desses metais são tão fortes e perigosos que até a fumaça da cremação dos ossos de suas vítimas é envenenada. Assim, as poucas pessoas que sobrevivem a uma epidemia também morrem logo depois de respirar essa fumaça. Mas não somos só nós que sofremos dessa doença do minério. Os brancos também são contaminados e no fim ela os come tanto quanto a nós, pois a epidemia *xawara*, em sua hostilidade, não tem nenhuma preferência! Embora pensem morrer de uma doença comum, não é o caso. São atingidos, como nós, pela fumaça dos minérios e do petróleo escondidos por *Omama* debaixo da terra e das águas. Fazem-na jorrar por toda parte, ao extrair e manipular essas coisas ruins. Chamam isso de poluição. Mas para nós é sempre fumaça de epidemia *xawara*.²² Apesar de sofrerem também, eles não querem desistir. Seu pensamento está todo fechado. Só se importam em cozinhar o metal e o petróleo para fabricar suas mercadorias. Por isso a *xawara* consegue guerrear sem trégua contra humanos. São esses os dizeres de nossos antigos que, como meu sogro, são grandes xamãs. São as palavras dos *xapiri* que eles nos transmitem. São elas que eu gostaria que os brancos ouvissem.

Hoje, esse mal cresce e se alastra por toda parte, e não paramos de morrer por sua causa. Em todos os lugares onde vivem brancos, a fumaça dos minérios aumenta. Antigamente, eles ficavam bem longe de nós, em suas cidades. Mas hoje se aproximaram e vamos ficando cada vez menos numerosos, pois suas fumaças de epidemia estão sempre nos rodeando. Nossos *xapiri* tentam incan-

savelmente atacá-las e empurrá-las para longe da floresta, mas elas não param de voltar. Para nós, xamãs, é um grande tormento não conseguir repeli-las. Se elas nos matarem todos, ninguém poderá compensar o valor de tantas mortes. Nossos mortos são já muito mais numerosos no dorso do céu do que nós, vivos, na floresta. Nem o dinheiro nem as mercadorias dos brancos os farão descer de novo entre nós! E a floresta devastada tampouco poderá jamais ser curada, ficará ferida e doente para sempre.

O que chamamos de *xawara* são o sarampo, a gripe, a malária, a tuberculose e todas as doenças de brancos que nos matam para devorar nossa carne. Gente comum só conhece delas os eflúvios que as propagam. Porém nós, xamãs, vemos também nelas a imagem dos espíritos da epidemia, que chamamos de *xawarari*. Esses seres maléficos se parecem com os brancos, com roupas, óculos e chapéus, mas estão envoltos numa fumaça densa e têm presas afiadas. Entre eles estão os seres da tosse, *thokori*, que rasgam as gargantas e os peitos,²³ ou os seres da disenteria, *xuukari*, que devoram as entranhas,²⁴ e também os seres do enjoo, *tuhrenari*, os da magreza, *waitarori*, e os da fraqueza, *hayakorari*. Eles não comem caça nem peixe. Só têm fome de gordura humana e sede de nosso sangue, que bebem até secar. Para conseguirem chegar até nós, sabem escutar de longe a algazarra que sobe de nossas aldeias. Então se acercam de nossas casas durante a noite e penduram suas redes ao nosso lado sem que possamos vê-los. Aí, antes de começar a nos matar, fazem-nos beber um líquido gorduroso que nos deixa fracos e doentes.

Em seguida, buscam entre os nossos filhos os mais bonitos e mais gordinhos. Capturam-nos e os prendem em grandes sacos, para levá-los para casa. Às vezes cortam logo a garganta de alguns, enfiam-nos em espetos de ferro e os assam para comer ali mesmo. Então, se nossos *xapiri* não reagirem imediatamente para livrá-los, morrem. Depois disso, os *xawarari* atacam os idosos e as mulheres cujo sopro de vida é mais fraco. Começam por degolar um grupo inteiro com seus facões, depois descansam um pouco antes de voltar em busca de novas presas. Vão assim juntando aos poucos grandes quantidades de cadáveres, para moqueá-los como se fossem caça. Só param a matança quando consideram que juntaram carne humana suficiente para satisfazer sua voracidade.

Esses seres maléficos da epidemia são mesmo ferozes e gulosos! Assim que se apoderam das imagens de suas vítimas, decapitam-nas e despedaçam-nas. Devoram em seguida seus corações e engolem seu sopro de vida. Deixam suas vísceras para os cães de caça que trazem consigo.²⁵ Chupam a medula de seus ossos e os jogam para esses animais esfomeados, que os roem com estalos ruidosos. É por isso que a epidemia *xawara* nos faz sentir tanta dor na barriga, nos braços e nas pernas! Depois, os *xawarari* cozinham os corpos destrinchados de suas presas como um amontoado de macacos-aranha em grandes bacias de metal,²⁶ borrifando-os com óleo escaldante. É isso que nos faz arder de febre! Uma vez cozidas, guardam essas carnes em grandes caixas de ferro para comer mais tarde. Preparam assim latas de carne humana em grandes quantidades, como os brancos fazem com seus peixes e seus bois. Mais tarde, quando seus víveres começam a acabar, mandam de novo seus empregados²⁷ caçar as imagens de mais vítimas entre nós. Gritam: “Vão buscar crianças humanas bem gordas para mim! Estou faminto! Comería uma perna com prazer!”. Então, uma vez saciados, nos deixam em paz por algum tempo. Eles não têm pressa. Quando voltam a sentir fome, retornam, mais e mais, para devorar nossos filhos, nossas mulheres e nossos idosos, pois nos consideram sua caça. É desse modo que a epidemia *xawara* vai nos dizimando aos poucos.

Esses seres *xawarari* moram em casas repletas de mercadorias e comida, como os acampamentos de garimpeiros. É lá que cozinham as carnes dos habitantes da floresta. Restos de seus banquetes canibais ficam pendurados por todos os cantos da casa, pois eles guardam os crânios e parte dos ossos dos humanos que devoram, como nós fazemos com a caça que comemos.²⁸ Suas redes, aliás, são feitas de pele humana. Para fabricá-las, esfolam o corpo inteiro de suas vítimas antes de pô-las para assar. As cordas dessas redes são confeccionadas com a pele dos dedos das mãos e dos pés dos cadáveres, costurada com máquinas. São mesmo seres maléficos! Na juventude, eu ficava apavorado quando minha imagem acompanhava os xamãs mais velhos até as casas desses comedores de homens. Até hoje me lembro do medo que sentia!

A epidemia *xawara* prospera onde os brancos fabricam seus objetos e onde os armazenam. Sua fumaça surge deles e das fábricas em que cozem os

minérios de que são feitos. É por isso que a doença e a morte golpeiam os habitantes da floresta assim que estes começam a desejar as mercadorias. O fato de acumular com sofreguidão roupas, panelas, facões, espelhos e redes atrai o olhar dos seres da epidemia, que então pensam: “Essa gente gosta de nossas mercadorias? Ficaram nossos amigos? Vamos lhes fazer uma visita!”. Chegam logo seguindo os brancos em suas canoas, aviões e carros, sem que se possa vê-los. Os grandes rios, as estradas e as pistas de pouso são seus caminhos e portas de entrada na floresta.²⁹ É acompanhando os objetos dos brancos que acabam vindo se instalar em nossas casas, como convidados invisíveis. De modo que, para nós, as mercadorias têm valor de epidemia *xawara*.³⁰ É por isso que as doenças sempre as seguem. É com peças de metal³¹ que esses males nos dilaceram a garganta ou nos furam os olhos e o crânio. Acontece sempre do mesmo modo. Os seres maléficos *xawarari* não tiram os olhos das mercadorias, para onde quer que elas vão, mesmo muito longe das cidades. Quando um avião carregado voa para nossa floresta, eles seguem atentamente o seu trajeto. Depois, nem bem ele aterrissa, começam a buscar humanos para devorar nos arredores. Contudo, suas vítimas não podem vê-los chegar. Só os *xapiri* conseguem.

Quando morremos sob efeito da *yākoana*, nossos *xapiri* se deslocam para as alturas, no peito do céu. Seu olhar então contempla a floresta como de um avião. Assim, localizam a fumaça de epidemia logo que ela aumenta e vem em nossa direção. Então os espíritos *napēnapēri*, imagens dos ancestrais dos brancos, nos alertam: “A epidemia *xawara* está vindo e sua fumaça se avermelha! Está pondo o céu em estado de fantasma e devora todos os humanos ao longo de seu caminho! Devemos rechaçá-la para longe!”. Esses *xapiri* são também os primeiros a atacá-la, golpeando-a com suas imensas barras de ferro. Só eles conhecem bem a fumaça do metal e são capazes de lhe arrancar as vítimas. Os *napēnapēri* se parecem com os brancos que nos ajudam na defesa da floresta contra os garimpeiros. Levam com eles muitos outros *xapiri* no combate contra os seres *xawarari* da epidemia. Os espíritos os espicam com suas flechas venenosas, enquanto os espíritos jacaré os golpeiam com seus pesados facões. Os espíritos das abelhas bravas *xaki e pari* os retalham e os das cobras *waroma* os perfuram. Os espíritos guerreiros *Ōeōeri e Aiamori* acorrem em grande núme-

ro para crivá-los de flechas. Os espíritos tamanduá e tatu-canastra os esotraçam com suas facas afiadas.³² Os espíritos urubu os despedaçam. As imagens dos seres maléficos da sucuri e do dono do algodão *Xinarumari* os agarram, para sufocá-los e esfolá-los. Os espíritos das grandes árvores *aro kohi* e *masihanari kohi* os esmagam com a ajuda do espírito pedra *Maamari*. Depois, os espíritos do zangão *remoremo moxi*,³³ do besouro *hōra* e do vendaval *Yariporari* também prendem as cabeleiras de suas fumaças no avião de *Omama*, para arrastá-las para as lonjuras de onde vieram.

Todos os *xapiri* mais valentes descem para lutar contra a epidemia *xawara* e se juntam numa tropa incontável para enfrentá-la. Encaram-na com muita coragem e contra-atacam sem descanso, como verdadeiros soldados, sem nunca recuar. Se tivessem medo, ela não pararia mais de nos devorar, até o último! Porém, ao final, quando ela se torna por demais perigosa, para livrar os seus da morte, os xamãs chegam a fazer dançar a própria imagem dela, que chamam de *Xawarari*. Essa imagem é mesmo a da epidemia *xawara*, mas, tornada espírito *xapiri*, luta valentemente contra ela, juntando-se, assim, aos espíritos *napënapëri* dos antigos brancos em seu combate contra a fumaça do metal.³⁴ Era desse modo que os grandes xamãs de nossos antigos às vezes conseguiam fazer recuar esse mal perigoso e curar suas vítimas. Então, seus espíritos abelha *repoma* podiam abrir a terra e jogar os cadáveres dos seres da epidemia no mundo subterrâneo, onde se espatifavam e alimentavam os vorazes ancestrais *aōpatari*.

Contudo, o mais frequente é a epidemia *xawara* mostrar-se mais resistente à investida dos xamãs do que os espíritos maléficos da floresta. Quando isso acontece, os esforços dos *xapiri* para destruí-la são inúteis. Por mais que a enfrentem com todas as suas forças, ela não parece ser afetada por seus golpes. Bem no alto do céu, torna-se por demais agressiva e poderosa. Não tem mais medo de nada. As mãos dos espíritos não conseguem agarrá-la e suas armas não são capazes de atingi-la. Por mais que a façam recuar com suas investidas, ela sempre volta ao ataque, cada vez mais forte e resistente. Nem mesmo os seres da chuva *maari* conseguem expulsá-la do céu. A *xawara* é muito difícil de combater, porque é rastro de outras gentes. Ela não vem da nossa floresta. Seus seres maléficos *xawarari* são mais numerosos do que os garimpeiros, até mais do que todos os brancos! É difícil juntar tantos *xapiri* para combatê-los! É por isso que os xamãs os temem e, muitas vezes, não têm

coragem de enfrentá-los. Já a epidemia *xawara* não hesita em se voltar contra os espíritos dos xamãs e capturá-los. Destrói suas casas e os prende em caixas de metal ardente. Aí, se outros *xapiri* intrépidos não vierem libertá-los, seu sopro de vida seca e eles falecem. Então, os seres da epidemia moqueiam seus cadáveres antes de devorá-los, como fazem com os humanos. Se isso acontece, seus pais, os xamãs, morrem muito depressa. Os *xapiri*, em compensação, sempre acabam voltando à vida. Eles são imortais.³⁵ Onde os seres da epidemia vomitam seus ossos, eles eclodem de novo com seus espelhos e voltam a ganhar corpo em seguida.

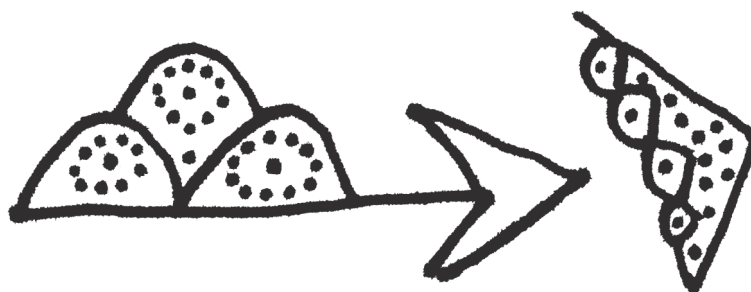
Hoje, os seres maléficos *xawarari* não param de aumentar. Por isso, a fumaça de epidemia está tão alto no peito do céu. Mas as orelhas dos brancos não escutam as palavras dos espíritos! Eles só prestam atenção no seu próprio discurso e nunca se dão conta de que é a mesma fumaça de epidemia que envenena e devora suas próprias crianças. Seus grandes homens continuam mandando os genros e os filhos arrancarem da escuridão da terra as coisas maléficas que alastram as doenças de que sofremos todos. Assim, o sopro da fumaça dos minérios queimados se espalha por toda parte. O que os brancos chamam de o mundo inteiro³⁶ fica corrompido pelas fábricas que produzem todas as suas mercadorias, suas máquinas e seus motores. Por mais vastos que sejam a terra e o céu, suas fumaças acabam por se dispersar em todas as direções e todos são atingidos por elas: os humanos, os animais, a floresta. É verdade. Até as árvores ficam doentes. Tornadas fantasmas, perdem as folhas, ficam ressecadas e se quebram sozinhas. Os peixes também morrem pela mesma causa, na água suja dos rios. Com a fumaça dos minérios, do petróleo, das bombas e das coisas atômicas, os brancos vão fazer adoecer a terra e o céu. Então, os ventos e tempestades acabarão entrando também em estado de fantasma. No final, inclusive os *xapiri* e a imagem de *Omama* serão atingidos!

É por isso que nós, xamãs, estamos tão atormentados. Quando a epidemia *xawara* nos ataca ela cozinha nossa imagem em gasolina e petróleo, dentro de suas panelas de ferro. Isso nos faz virar outros e sonhar o tempo todo. Então vemos as imagens de todos os brancos que estão em busca do metal que tanto cobiçam. Vemos as fumaças das inúmeras tropas de seres maléficos *xawarari* que os acompanham por toda parte, e os enfrentamos com firmeza com nossos

xapiri. Somos habitantes da floresta e não queremos que os nossos morram. Os brancos por acaso pensam que *Teosi* conseguirá fazer a fumaça de suas fábricas desaparecer do céu? Estão equivocados. Levada pelo vento bem alto, até o seu peito, já está começando a sujá-lo e queimá-lo. É verdade, o céu não é tão baixo quanto parece a nossos olhos de fantasma e fica tão doente quanto nós! Se tudo isso continuar, sua imagem vai ser esburacada pelo calor das fumaças de minério. Então derreterá aos poucos, como um saco de plástico jogado na fogueira, e os trovões enfurecidos não pararão mais de vociferar. Isso ainda não está acontecendo porque seus espíritos *hutukarari* não param de jogar água nele para resfriá-lo. Mas essa doença do céu é o que nós, xamãs, mais tememos. Os *xapiri* e todos os outros habitantes da floresta também estão muito aflitos, pois, se o céu acabar pegando fogo, desabará mais uma vez. Então, seremos todos queimados e, como nossos ancestrais do primeiro tempo, arremessados no mundo debaixo da terra.

São essas as palavras de nossos grandes homens, que se tornaram xamãs muito antes de nós. Foi o que eles viram em sonho e é o que relatam os cantos de seus *xapiri*. Nós, xamãs, como eu disse, sonhamos com tudo aquilo que queremos conhecer. Quando bebemos o pó de *yākoana*, primeiro vemos o pai do ouro e dos minérios no fundo da terra, envolto pelas volutas pegajosas de suas fumaças de epidemia. À noite, tornados fantasma durante o sono, ainda sonhamos muito tempo com isso, através de nossos *xapiri*. Foi assim que, tornando-me espírito com meu sogro e os outros velhos xamãs de nossa casa, aprendi a conhecer a epidemia do ouro, que nomeamos *oru xawara*. Esses grandes homens me ensinaram a pensar longe e foi com eles que a imagem de *Omama* me permitiu ver todas essas coisas. Se eu tivesse ficado só trabalhando para os brancos, se meu sogro não tivesse me chamado para perto dele, meu pensamento teria ficado curto demais. É por isso que agora quero que os brancos, por sua vez, ouçam estas palavras. Trata-se de coisas das quais nós, xamãs, falamos entre nós muitas vezes. Não queremos que extraiam os minérios que *Omama* escondeu debaixo da terra porque não queremos que as fumaças de epidemia *xawara* se alastrem em nossa floresta. Assim, meu sogro costuma me dizer: “Você deve contar isso aos brancos! Eles têm de saber que por causa da fumaça maléfica dessas coisas que eles tiram da terra estamos morrendo todos, um atrás do outro!”. É o que agora estou tentando explicar aos brancos que se dispuserem a me escutar. Com isso, talvez fiquem mais

sensatos? Porém, se continuarem seguindo esse mesmo caminho, é verdade, acabaremos todos morrendo. Isso já aconteceu com muitos outros habitantes da floresta nesta terra do Brasil, mas desta vez creio que nem mesmo os brancos vão sobreviver.



A QUEDA DO CÉU

17. Falar aos brancos



“O povo de vocês gostaria de receber informações sobre como cultivar a terra?”

“Não. O que eu desejo obter é a demarcação de nosso território.”

Diálogo entre o general R. Bayma Denys
e Davi Kopenawa, durante audiência com
o presidente José Sarney, 19 abr. 1989

Pouco antes da alvorada ou no início da noite, nossos grandes homens, que chamamos *pata t^hë pë*,¹ costumam dirigir-se à gente de suas casas em longos discursos. Incentivam-nos a caçar e a trabalhar em suas roças. Evocam o primeiro tempo dos ancestrais tornados animais e se expressam com sabedoria. Damos a esse modo de falar o nome de *hereamuu*.² Só os homens de mais idade falam assim. Eu, ao contrário, tive de aprender a discursar diante dos brancos quando era muito jovem. É verdade! Eu já me dirigia com firmeza a eles, enquanto ainda nem ousava falar ao modo dos *pata t^hë pë* em minha própria casa! Minha boca tinha vergonha, pois se eu tivesse me arriscado a exortar os meus, eles teriam zombado de mim com dureza. Teriam declarado, irritados, que um homem jovem não pode mandar³ nos mais velhos e ninguém teria levado adiante minhas palavras. Teria mesmo dado pena de ver! Por isso, eu não dizia nada, com medo de caçoarem de mim. Apenas me esforçava para me tornar tão sabido quanto meus pais e sogros, e achava que ainda estava longe disso. Dizia a mim mesmo, em silêncio, que, se eu quisesse chegar lá, meu pensamento tinha de permanecer concentrado nos *xapiri* que os nossos grandes xamãs tinham me dado.

Quando se é jovem, ainda não se sabe nada. O pensamento é cheio de olvido. É só muito mais tarde, uma vez adulto, que se pode tomar dentro de si as palavras dos antigos. Isso vai sendo feito aos poucos. As crianças dos brancos têm de aprender a desenhar suas palavras torcendo os dedos desajeitados por muito tempo e com os olhos sempre cravados em peles de imagens. Entre nós, os rapazes que querem conhecer os *xapiri* têm de vencer o medo e deixar que os mais velhos soprem o pó de *yākoana* em suas narinas. É doloroso, e também demora muito. Depois, eles têm de continuar trabalhando por conta própria, esforçando-se para ligar seus pensamentos um ao outro, o mais longe que puderem. É por isso que, na época em que eu era um jovem xamã, eu estudava com aplicação as coisas que o poder da *yākoana* me permitia ver. Porém, quan-

do eu queria dar minhas palavras à gente de minha casa, eu não me arriscava a entoar discursos *hereamuu*! Eu me contentava em transmiti-las nos diálogos cantados *wayamuu* da primeira noite de nossas festas *reahu*. É o que deve fazer quem não é ainda um homem mais velho.

Acontece assim. Os jovens — moradores e convidados — começam a cantar respondendo uns aos outros, aos pares, de pé um diante do outro, na praça central da casa. Quando terminam, vão sendo substituídos aos poucos pelos homens mais experientes, que vão se sucedendo sem descanso até o meio da noite. É isso que chamamos de *wayamuu*. As palavras desses diálogos se alongam muito. São como as notícias de rádio dos brancos. Nelas relatamos o que ouvimos em visita a outras casas. É assim que, às vezes, alertamos nossos convidados de que pessoas de longe têm raiva deles e querem desafiá-los com a borduna ou até flechá-los. Nesses diálogos falamos também dos males que afligem os nossos. Evocamos os que foram mordidos por cobra, os que tiveram seu duplo animal *rixi* ferido por caçadores inimigos, aqueles cujos ossos foram quebrados por feiticeiros *oka* e os que foram devorados pela epidemia *xawara*. Depois, no meio da noite, quando findam as palavras do *wayamuu*, os homens mais velhos, anfitriões e visitantes, se agacham cara a cara, muito perto um do outro. Dão então início a um outro diálogo cantado — dizemos fazer *yāimuu*.⁴ As palavras de *yāimuu* são próximas e mais inteligentes. Penetram mais fundo dentro de nós. Enquanto faz *wayamuu*, a pessoa ainda não dá a conhecer o que realmente quer dizer. Ainda fala com uma língua de fantasma. Quando os grandes homens querem mesmo conversar e pôr fim às brigas que os opõem, usam o *yāimuu*. Se um visitante contar, irritado, as palavras ruins sobre os seus que boatos atribuem a seus anfitriões, será alertado: “Esqueça essas palavras tortas! Continuemos amigos! Minhas reais palavras são belas! Não dê ouvidos àquelas que essa gente de longe tornou outras! São mentirosos!”. Então o visitante se acalma e responde: “*Haixopë*! Bem! Eis aí uma fala direita mesmo! Não quero mais escutar essas palavras feias, que nos fariam dar bordunadas na cabeça ou flechadas uns nos outros! Sejam amigos!”. Quando fazem *yāimuu*, os grandes homens da casa também avisam seus convidados de que irão chamá-los para enterrar as cinzas dos ossos de seus mortos. Quando é assim, dizem: “Queremos terminar esta cuia *pora axi* diante de seus olhos! Vamos pô-la em esquecimento juntos! É isso que queremos!”. Se não falarmos às claras fazendo *yāimuu*, as pessoas podem ficar com raiva, alegando que foram mantidas

na ignorância. É também durante o *yāimuu* que se pedem mercadorias numa festa — panelas ou redes, machados, facões e facas, anzóis ou fósforos. É por intermédio do *yāimuu*, ainda, que um rapaz faz o seu pedido por uma esposa e propõe trabalhar para o futuro sogro. Este então responderá: “Venha se instalar ao meu lado e fique com minha filha! Mas não a deseje sem devolver o que vale! Quando você vier morar junto comigo, terá de saciar minha fome de caça e trabalhar na minha roça! Aí sim eu vou lhe dar uma mulher!”.

Foi *Titiri*, o espírito da noite, que no primeiro tempo ensinou o uso do *wayamuu* e do *yāimuu*.⁵ Fez isso para que pudéssemos fazer entender uns aos outros nossos pensamentos, evitando assim que brigássemos sem medida. Porém, antes disso, *Titiri*, furioso, devorou *Xõemari*, o ser da alvorada, para que ele parasse de voltar sem parar desde a jusante do céu, caminhando à frente de sua trilha de luz.⁶ Desde então, o fantasma de *Xõemari* só pode interromper a escuridão uma única vez, no raiar do dia. Então, *Titiri* disse a nossos ancestrais: “Que essa fala da noite fique no fundo de seu pensamento! Graças a ela, vocês serão realmente ouvidos por aqueles que vierem visitá-los”. É por isso que continuamos a discursar desse modo em nossas festas *reahu*, do anoitecer até o amanhecer, primeiro fazendo o *wayamuu* e depois o *yāimuu*. Assim, as palavras desses diálogos não pararam de crescer em nós até hoje. *Titiri* as fez se multiplicarem, para que pudéssemos conversar entre as casas e pensar direito. São o âmago de nossa fala. Quando dizemos as coisas só com a boca, durante o dia, não nos entendemos de fato.⁷ Escutamos o som das palavras que nos são dirigidas, mas as esquecemos com facilidade. Durante a noite, ao contrário, as palavras ditas em *wayamuu* ou em *yāimuu* vão se acumulando e penetram no fundo de nosso pensamento. Revelam-se com toda a clareza e podem ser efetivamente ouvidas. É por essa razão que, no começo, eu preferia dialogar assim na escuridão, para falar aos nossos grandes homens de coisas de muito longe que eles ainda não conheciam. Desse modo, minha iniciativa não os deixava contrariados. Mesmo quando eu lhes dizia: “Não desejem os alimentos dos brancos! Não são bons para nós! É comida velha, que eles deixam mofando, escondida em suas casas! A riqueza da floresta está aí para nos alimentar! Basta-nos caçar e abrir grandes roças! É daí que vem a comida de verdade!”, eles respondiam, sem animosidade: “*Awei!* Você, que defende nossa floresta, quando nos dá assim suas palavras, nos alerta contra as coisas ruins dos brancos. Faz bem de nos manter atentos!”.

Era assim, naquela época. Os meus já sabiam que eu fazia ouvir minhas palavras sobre nossa terra entre os brancos, muito longe de nossa floresta. No entanto, em nossa casa, em *Watoriki*, me diziam: “Mais tarde, quando tiver ficado mais velho, você poderá, se quiser, aconselhar-nos com suas palavras de *hereamuu*. Por enquanto, contente-se em nos fazer ouvi-las durante os diálogos *wayamuu* e *yāimuu*. É bom assim!”. Entre nós, acontece desse modo. É depois de ganhar idade e adquirir sabedoria que um homem pode começar a arengar os habitantes de sua casa. No começo, tenta lançar de vez em quando conselhos a respeito da caça ou do trabalho das roças. Se ligar bem suas palavras e os jovens seguirem suas falas, continua tentando. Porém, se ninguém reagir ou alguém o recriminar, para imediatamente e sente vergonha. Diz a si mesmo: “As pessoas recebem minhas palavras com hostilidade. Preferem escutar os discursos dos mais velhos! Devo ter paciência e imitar seus modos!”. Depois, com o passar do tempo, se os seus acabarem por levar em consideração suas exortações, sua boca vai aos poucos perdendo o medo. Então ele poderá falar com sabedoria, nas pegadas daqueles que o precederam nessas falas de grande homem. Terá começado a fazer discursos de *hereamuu* ainda jovem adulto e irá continuar até a velhice.

Foi esse o caminho que procurei seguir. Hoje, às vezes tento falar em *hereamuu*.⁸ Se as pessoas de minha casa começam a prestar atenção no que digo, continuo. Senão, volto a emudecer e fico quieto na minha rede. Até agora, não falei desse modo muitas vezes. Sempre receio que os homens mais velhos, exasperados, me façam calar: “Você faz esses discursos achando que virou um grande homem, ao que parece! Não é o caso mesmo! Suas palavras nos irritam. Você é jovem demais, trate portanto de trabalhar em silêncio para alimentar sua família em lugar de exortar os outros!”. Todavia, meu sogro nunca se mostrou hostil às minhas falas, muito pelo contrário. Isso me dá força. Ele me diz, às vezes: “É bom que você fale assim, porque estou ficando velho. Quando eu não estiver mais aqui, você irá continuar em meu lugar!”. Aí, eu respondo: “Sogro, se um dia o senhor se for e a epidemia *xawara* me deixar vivo, então sim, ficarei para falar seguindo seus passos! Faça descer em mim seu espírito gavião *Kāomari*⁹ para minha fala ficar tão ágil e firme quanto a sua! Depois,

será a minha vez de morrer, pois hoje os brancos não nos deixam mais viver muito tempo!”.

Mais tarde, eu com certeza terei vários genros. Quando for a hora, vou mandá-los trabalhar na minha roça e caçar para mim. Então poderei falar em *hereamuu* de verdade, como os homens mais velhos que me precederam. Direi aos maridos de minhas filhas: “Eu vou ficar em casa. Vocês vão derrubar as árvores grandes de minha roça! Vão flechar caça e coletar frutos de palmeira *hoko si* para mim!”. Mas não quero ter de lhes dar ordens o tempo todo. Quando são espertos, os genros trabalham por conta própria, sem o sogro precisar falar demais. Eu só lhes darei instruções se não souberem o que fazer. Direi: “Abram uma nova roça e plantem banana, mandioca e cana-de-açúcar, para não passarmos fome. Não quero passar a vergonha de ter de pedir minha comida aos outros!”. E quando eu tiver ficado mais velho ainda, será a minha vez de contar aos mais jovens o que conheci desde a infância. Falarei de todos os brancos que encontrei e de tudo o que vi em minhas viagens a lugares distantes. Desse modo, terão mais conhecimento das coisas.

Se eu me contentar em lhes falar com a boca, sem fazer discursos como os dos grandes homens, não vai dar certo. Eles vão ouvir o som de minha voz, mas continuarão procurando seus pensamentos, a se perguntar: “O que vai acontecer conosco? Será que outros brancos mais vão entrar na floresta para tomar nossa terra?”. Se eu não os fizer ouvir minha voz em *hereamuu*, minhas palavras não vão entrar em seu pensamento. Eles não vão compreender mesmo as coisas. De modo que, se eu quiser que se ponham a pensar direito, preciso falar com eles desse modo muitas vezes. É por isso que estou começando a fazê-lo agora, dizendo-lhes: “As terras desmatadas que se estendem ao redor de nossa floresta são as de outra gente! Não tentem ir viver lá! Vocês serão maltratados e só conseguirão trazer de volta doenças que devorarão todos os seus familiares! Também não fiquem vagando o tempo todo pelas casas de nossos aliados. Suas visitas vão acabar cansando. Os parentes que os receberem vão ficar com ciúmes de suas esposas e com suspeitas em relação às filhas. Ficarão furiosos com vocês. Vocês vão brigar e eles vão querer bater em vocês! Melhor ficarem tranquilos, trabalhando junto aos seus!”.¹⁰ Explico-lhes também que é preciso agora pôr um fim à hostilidade entre nossas casas, e que devemos parar de nos maltratar uns aos outros, com bordunadas na cabeça ou nos flechando por vingança. Bem sei que alguns deles devem pensar que meus dizeres se devem

à covardia, mas não é verdade. O que eu quero é que mostremos nossa valentia sobretudo nos defendendo contra os que querem devastar nossa terra. São eles nossos verdadeiros inimigos! Nós, habitantes da floresta, somos a mesma gente, devemos ser amigos! Esse é o começo de minhas falas aos rapazes. Mais tarde, quando for minha vez de me tornar um grande homem, serão mais extensas e mais sábias.

Para ser capaz de proferir discursos em *hereamuu* com firmeza, é preciso conseguir a imagem do gavião *kāokāoma*, que tem uma voz potente. Chamamo-la *Kāomari*. É ela que dá vigor às palavras de nossas exortações. Desce em nós por conta própria, não é preciso ser xamã. Então deixamos que se instale em nosso peito, onde permanece invisível.¹¹ Ela indica à nossa garganta como falar bem. Faz surgir nela as palavras, umas depois das outras, sem que se misturem ou percam sua força. Permite-nos estender em todas as direções as palavras de um pensamento ágil. Com ela, nossa língua fica firme, não falha e não fica ressecada. Os que não acolhem essa imagem no peito, ao contrário, fazem discursos desajeitados, com falas encolhidas. Seus dizeres são hesitantes e sua voz treme. Expressam-se como fantasmas e dão pena de ouvir! Os grandes homens, que têm no peito a imagem do gavião *kāokāoma*, ao contrário, sabem proferir exortações longas e potentes. Eles são hábeis em convencer os rapazes a seguir suas palavras. Nunca os chamam de preguiçosos, para não os deixar irados e reticentes. Dizem-lhes, ao contrário: “Estamos todos com fome de carne. Vão flechar caça! Sigam as pegadas de uma anta e todos ficaremos de barriga cheia!”, ou então: “Abram grandes roças, vai haver fartura de comida! Seus filhos não vão ficar gemendo, pedindo de comer! Vocês não terão de passar a vergonha de mandar suas mulheres à roça dos outros!”¹² Poderemos chamar muitos convidados para nossas festas!”. Com a mesma habilidade encaminham as mulheres à pesca com timbó, quando os rios estão baixos, e recomendam aos homens que armazenem cachos de bananas verdes, para que amadureçam em suas casas, e os encarregam de preparar as carnes moqueadas e os beijus para as festas *reahu*. Assim é. Os grandes homens arengam as pessoas de suas casas durante a noite e elas, mesmo que permaneçam em silêncio e pareçam estar dormindo, escutam com atenção. Ao nascer do dia, seu espí-

rito desperta e dizem a si mesmas: “*Haixopë!* Aquelas eram boas palavras! Vamos responder seguindo os seus conselhos!”.

No entanto, é muito comum os homens mais velhos apenas discorrerem com sabedoria, sem dar nenhuma instrução. Nesse caso falam somente para que seus ouvintes possam ganhar conhecimento. Assim, quando um grande homem acorda, antes do amanhecer, na hora do orvalho, pode enumerar em *hereamuu* as antigas florestas onde seus pais e avós viveram, descendo aos poucos das terras altas.¹³ Evoca o lugar onde nasceu e aqueles onde cresceu. Relembra a casa onde começou a caçar lagartos e passarinhos com flechinhas, aquela em que chegou à puberdade e sua garganta imitou o mutum¹⁴ e aquela em que tomou esposa. Relata o que observou da vida dos antigos em sua juventude: suas viagens de uma casa à outra, as festas *reahu* às quais se convidavam, as incursões guerreiras que faziam para se vingar. Explica como eram aqueles tempos distantes, quando as mercadorias dos brancos ainda eram uma raridade. E se estiver um pouco insatisfeito com a preguiça de seus genros, aproveita para acrescentar: “Quando eu era jovem, as coisas não eram como hoje. Eu caçava sem descanso para fartar meus sogros de carne de caça! Flechava muitas antas, queixadas e macacos-aranha! Todos tinham o prazer de esfregar seus dentes com a carne de minhas presas!”¹⁵ E isso apesar de a floresta das terras altas onde vivíamos ser escarpada e sua vegetação muito emaranhada! Naquele tempo, eu era muito bom caçador! Hoje, os rapazes voltam muitas vezes de mãos vazias. Com certeza comem eles mesmos as poucas presas que conseguem flechar!”.

Já os xamãs, em seus discursos de *hereamuu*, falam sobretudo do tempo dos antepassados animais *yarori*. Costumam iniciar assim: “No primeiro tempo, nossos ancestrais viraram outros, transformaram-se em veados, antas, macacos e papagaios”. Prosseguem então com o relato das desventuras de alguns deles e narram como se metamorfosearam. Contam também como uma mulher menstruada sentada no chão da floresta virou um rochedo e de que modo os macacos-aranha lhe arrancaram o braço tentando colocá-la de pé.¹⁶ Evocam os choros agudos de *Õeõeri*, o recém-nascido que feiticeiros inimigos abandonaram num ninho de formigas *kaxi* depois de matarem sua mãe.¹⁷ Relatam como o ancestral irara *Hoari* afugentou as abelhas, cujos méis até então era fácil pegar no pé das árvores.¹⁸ Descrevem o modo como o ancestral saúva *koyo* foi abrindo em segredo uma imensa roça de milho na floresta, para fazer a sogra se

perder nela.¹⁹ Dão a ouvir ainda palavras sobre os lugares onde seus espíritos desceram, para além do céu, no mundo subterrâneo ou na terra dos brancos. É assim que ensinam as coisas para as pessoas comuns; para as pessoas que não conhecem os ancestrais animais, nem todos os mundos distantes, cujas imagens não são capazes de fazer descer. De modo que, sem saberem o que pensar, só prestam atenção nos cantos dos xamãs, para conhecer o que estes puderam ver depois de beber *yãkoana*.

Meus pais e avós cresceram nas terras altas, muito longe dos brancos, de suas estradas e cidades. Quando estes começaram a subir os rios, bem antes de eu nascer, nossos maiores já eram adultos havia um bom tempo. Suas línguas tinham se endurecido em seu falar próprio e eles tiveram grande dificuldade para imitar o idioma dos forasteiros. Quando os encontravam, pediam mercadorias apenas com gestos e umas poucas palavras enroladas. Nem de longe pensavam em defender sua terra! Nem desconfiavam que um dia os brancos poderiam invadir a floresta para cortar-lhe as árvores, abrir estrada e escavar o leito dos rios em busca de ouro! Perguntavam-se apenas por que aquela gente estranha tinha subido os rios até eles. Conversavam bastante a respeito disso, mas suas palavras nunca saíram da floresta para serem ouvidas.

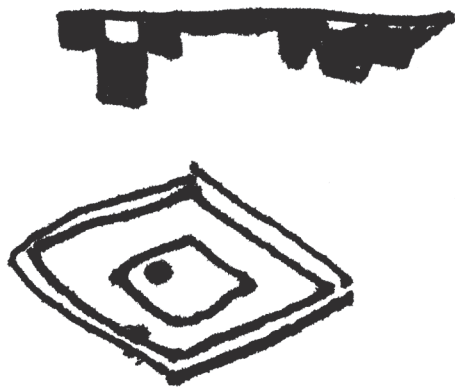
Muito tempo depois, eu cresci e veio a minha vez de ficar adulto. Vivi e trabalhei bastante com os brancos e, aos poucos, suas palavras foram entrando em mim. Então, quando voltei para a floresta e percebi que os meus ainda não conseguiam entendê-los, pensei: “Eu ainda sou jovem, mas já sei um pouco de português. No primeiro tempo, *Omama* nos deu essa terra. Vivo aqui agora com minha esposa e meus filhos e levo esta floresta em meu pensamento. Cabe a mim defendê-la, não?”. Depois, meu espírito prosseguiu nesse caminho: “Somos os filhos e netos de guerreiros que não tinham medo de flechar seus inimigos. As imagens de *Õeõeri* e *Aiamori* ensinaram a valentia a nossos antepassados e continuam presentes entre nós! Não quero me comportar como um covarde diante dos forasteiros que nos maltratam!”. Foi assim que, pouco a pouco, resolvi fazer chegar aos brancos os pensamentos dos habitantes da floresta e lhes falar com firmeza, inclusive em suas cidades. Eu estava com muita raiva. Não queria que os meus continuassem morrendo devorados por suas epidemias *xawara*. Minha intenção era dizer a eles o quanto, apesar de seu

engenho para fabricar mercadorias, o pensamento de seus grandes homens está cheio de esquecimento. Se assim não fosse, por que iriam eles querer destruir a floresta e nos maltratar desse jeito?

Então, os grandes homens de nossa casa me incentivaram: “*Awei!* Você irá falar em *hereamuu* aos brancos. Nós não podemos ir tão longe, até as casas deles e, além disso, eles não nos entenderiam. Você sabe imitar a língua deles. Irá dar a eles nossas palavras. Não tenha medo deles! Responda-lhes no mesmo tom! Enquanto isso, de longe, estaremos com você defendendo a floresta e seus habitantes, fazendo dançar nossos *xapiri*!”. Ouvir essas boas palavras me deixou feliz. De sua parte, meu sogro acrescentou: “Apesar da distância, meus espíritos não vão perdê-lo de vista! Se os brancos se mostrarem hostis, eles o protegerão com bravura!”. Ele é mesmo um homem sábio e bom. Sempre cuidou de mim durante as minhas viagens. Por isso, ao partir, eu tranquilizava minha mulher e meus filhos: “Não se preocupem! Os brancos não vão me matar! Se tentarem me atacar, nosso grande homem vai me vingar!”. Assim, meu pensamento ficava mais tranquilo. Dizia a mim mesmo: “Está bem! Vou defender a nossa floresta! Falarei aos brancos com força, sem ter medo de fazê-los escutar minhas verdadeiras palavras!”.

Naquela época, os espíritos *napënapëri* dos ancestrais brancos me visitavam com frequência. Os grandes xamãs de nossa casa os chamavam a mim me fazendo beber o pó de *yākoana*. Então eles desciam dançando com a imagem de *Omama*, que é seu criador. Vinham com eles as imagens de *Remori*, o espírito zangão que deu aos forasteiros sua língua de fantasma, e de *Porepatari*, o antigo espectro que, há muito tempo, aprendeu a imitá-los. *Porepatari* costuma trocar com os *napënapëri* peles de felinos por espingardas e cartuchos. É um grande caçador. Desloca-se o tempo todo pela floresta à noite, invisível como um sopro de vento. Dele só se ouve o chamado: “*yāri! yāri! yāri!*”.²⁰ Caça onças que, como ele, são muito agressivas. Às vezes lhe acontece de flechar árvores, ou até humanos, que fere com pontas de curare das quais nunca vão ficar curados. É um grande ancestral, de fato um habitante da floresta. Cuida dela e dos *xapiri* que nela brincam. Alegra-se diante da beleza deles. Se não ouvir seus cantos, fica enfurecido conosco: “Não há mais xamãs entre vocês? Vocês estão dormindo? Seus peitos ficaram sujos demais?”. Foram as imagens de *Remori* e *Porepatari* que colocaram em mim suas gargantas de espírito, para eu poder imitar a fala dos brancos. Ensinarão-me a pronunciar suas palavras uma após

a outra com mais destreza e firmeza. Introduziram em mim a língua dos antepassados *napënapëri*. Sozinho eu não teria conseguido e jamais teria sido capaz de fazer discursos nessa linguagem outra!



A primeira vez que falei da floresta longe de minha casa foi durante uma assembleia na cidade de Manaus. Mas não foi diante de brancos, e sim de outros índios! Era a época em que os garimpeiros estavam começando a invadir nossas terras, nos rios Apiaú e Uraricaá. Então, Ailton Krenak e Álvaro Tukano, lideranças da União das Nações Indígenas, me convidaram a falar.²¹ Disseram-me: “Você deve defender a floresta de seu povo conosco! Precisamos falar juntos contra os que querem se apossar de nossas terras! Senão, vamos acabar todos desaparecendo, como nossos antigos antes de nós!”. Mas eu não sabia falar daquele jeito e o sopro de minha palavra ainda era curto demais! Apesar disso, não recuei. Cheio de apreensão, me esforcei por dizer, pela primeira vez, palavras firmes sobre os garimpeiros que sujavam nossos rios e nos matavam com suas fumaças de epidemia. Algum tempo depois, foram os Makuxi que me convidaram a uma de suas grandes assembleias. Foi em Surumu, nas terras deles, nos campos de nosso estado de Roraima.²² Encorajaram-me de novo a falar: “Venha defender sua floresta entre nós, do mesmo jeito que o fazemos para nossa terra!”. Dessa vez era uma reunião bem maior. Havia gente de muitos outros povos e os brancos também eram numerosos. Eu não tinha ideia de como iria conseguir discursar diante de toda aquela gente sentada com os olhos pregados em mim! No começo, apenas prestei atenção no modo como os outros falavam antes de mim. Escutei primeiro os Makuxi e os Wapixana, que falaram um depois do outro contra os fazendeiros, dizendo: “Esses brancos querem nos

mandar embora das terras onde os nossos antepassados viviam, dizendo que pertencem a eles! Estamos cercados pelo arame farpado e pelo gado deles. Queimam nossas casas, xingam-nos e batem em nós! Mais tarde vão querer fazer o mesmo com os Yanomami. Mas se juntarmos todas as nossas palavras contra eles, vão recuar, porque não passam de mentirosos!”.

Naquela época, eu temia ter de falar diante de um grupo de desconhecidos, longe da minha floresta e, ainda por cima, na linguagem dos brancos! Minhas palavras ainda eram poucas e torcidas. Eu ainda nem tinha ousado discursar em *hereamuu* em minha própria casa! Estava aflito e meu coração batia forte no peito. Ainda não sabia fazer sair as palavras de minha garganta, uma atrás da outra! Dizia a mim mesmo: “Mas como é que eu vou fazer isso? Como é que os brancos falam nessas ocasiões? Por onde começar?”. Eu procurava com ansiedade o começo das palavras que podia dar a ouvir. Minha boca estava seca de medo. E, por fim, chegou a minha vez de falar! Fiquei muito envergonhado e devia dar mesmo dó de ver! Então, falei de repente o que tinha em mente naquele instante: “Eu não sei falar como os brancos! Quando tento imitá-los, minhas palavras fogem ou se emaranham na minha boca, mesmo que meu pensamento permaneça reto! Minha língua não seria tão enrolada se eu estivesse falando aos meus, na minha língua! Mas pouco importa: já que vocês me dão ouvidos, vou tentar! Desse modo minhas palavras se fortalecerão e talvez um dia sejam capazes de deixar preocupados os grandes homens dos brancos!”. Então prossegui, me esforçando para seguir o modo dos que tinham falado antes de mim. Mas eu disse sobretudo o que realmente achava dos garimpeiros: “São outra gente, comedores de terra, seres maléficos! Seu pensamento é vazio e estão impregnados de epidemia! Precisamos impedi-los de sujar nossos rios e expulsá-los da floresta. Por que eles não trabalham em sua própria terra? Quando eu era criança, quase todos os meus parentes faleceram devido às doenças dos brancos. Não quero que isso continue!”. Acho que foram essas as primeiras palavras que eu disse. Depois, fui aos poucos tentando estendê-las e torná-las mais claras. Com certeza só consegui fazer isso porque a raiva estava em mim! Na verdade, ela me tomava havia muito tempo, desde que os meus tinham morrido em Toototobi e eu mesmo tinha escapado por pouco da epidemia de sarampo dos missionários.²³

Algum tempo depois, meu sogro e eu convidamos à nossa casa, em *Watoriki*, os moradores de várias outras aldeias yanomami. Queríamos reunir uma

primeira assembleia yanomami para falar de nossa terra. Outros índios também vieram de muito longe para se juntar a nós, como Ailton Krenak e Anine Suruí, da União das Nações Indígenas. Havia também lideranças makuxi e alguns brancos nossos amigos.²⁴ Cada um teve sua vez de falar para defender a nossa floresta. No final, fizemos uma dança de apresentação de festa *reahu* e oferecemos uma grande quantidade de carne de queixada moqueada a nossos convidados.²⁵ Depois dessa reunião, também fui candidato a deputado no que os brancos chamavam de Constituinte, em Brasília.²⁶ Naquela época, me dirigi repetidas vezes aos outros índios de Roraima em assembleias e também pelo rádio. Fiz isso para experimentar a política dos brancos, para aprender alguma coisa. Mas isso não durou muito e eu não ganhei!²⁷ Pouco depois, os garimpeiros se tornaram cada vez mais numerosos nas terras altas de nossa floresta, saqueando as nascentes dos rios e destruindo seus habitantes com suas epidemias.²⁸ Então comecei a viajar muitas vezes para as grandes cidades dos brancos, muito longe de minha casa. Lá eu me juntava com outros habitantes da floresta, vindos de todos os lados, para falar contra os garimpeiros, os fazendeiros e os madeireiros que invadem nossas terras. A partir desse momento, não tive mais de procurar as palavras. Minha raiva aumentava cada vez mais e eu queria que todos os brancos soubessem o que estava acontecendo na floresta. Foi assim que aprendi a fazer longos discursos diante deles e que aumentaram em mim as palavras para lhes falar com firmeza.

Depois de Manaus e Brasília, conheci São Paulo. Foi a primeira vez que viajei tão longe por cima da grande terra do Brasil. Compreendi então o quanto é imenso o território dos brancos para além de nossa floresta e pensei: “Eles ficam agrupados numas poucas cidades espalhadas aqui e ali! Entre elas, no meio, é tudo vazio! Então por que querem tanto tomar nossa floresta?”. Esse pensamento não parou mais de voltar em minha mente. Acabou por fazer sumir o que restava de meu medo de falar! Tornou minhas palavras mais sólidas e lhes permitiu crescer cada vez mais. De modo que eu costumava declarar aos brancos que me escutavam: “Suas terras não são realmente habitadas! Seus grandes homens resguardam-nas com avareza, para mantê-las vazias. Não querem ceder nem um pedaço delas a ninguém. Preferem mandar sua gente esfomeada comer nossa floresta!”. E acrescentava: “No passado, muitos dos nossos morreram por causa das doenças de vocês. Hoje, não quero que nossos filhos e netos morram da fumaça do ouro! Mandem os garimpeiros embora de nossas terras! São seres

maléficos, de pensamento obscuro. Não passam de comedores de metal cobertos de epidemia *xawara*. Vamos acabar por flechá-los e, se for assim, muitos ainda vão morrer na floresta!”. Era difícil. Eu tinha de dizer tudo isso numa fala que não é a minha! Contudo, movida pela revolta, minha língua ia ficando mais ágil e minhas palavras menos enroladas. Muitos brancos começaram a conhecer meu nome e quiseram me escutar. Incentivaram-me, dizendo que achavam bom que eu defendesse a floresta. Isso me deixou mais confiante. Alegrava-me que eles me entendessem e se tornassem meus amigos. Naquela época, falei muito nas cidades. Achava que se os brancos pudessem me ouvir, acabariam convencendo o governo a não deixar saquear a floresta. Foi com esse único pensamento que comecei a viajar para tão longe de casa.

Desde então, não parei mais de falar aos brancos. Meu coração parou de bater tão rápido quando me olham e minha boca perdeu a vergonha. Meu peito tornou-se mais forte e minha língua perdeu a rigidez. Se as palavras se atrapalhassem em minha garganta, saindo apenas numa voz fina e vacilante, os que tivessem vindo me ouvir diriam a si mesmos: “Por que afinal esse índio quer nos falar? Esperávamos dele palavras de sabedoria, mas ele não diz nada! Tem medo demais!”. Por isso eu sempre trato de falar com coragem! Não quero que pensem: “Os Yanomami são tolos e não têm nada a dizer. Nem conseguem falar direito conosco! Só sabem ficar parados, com o olhar perdido, mudos e amedrontados!”. Essa ideia bastou para me irritar e me fazer falar com energia! Os brancos bem podem manter os olhos cravados em mim para tentar me intimidar. Não dá em nada! Eu continuo fazendo ressoar minhas palavras assim mesmo! Começo dizendo a eles: “Vocês que me escutam, vocês são para nós estrangeiros que chamamos de *napë*. Eu sou filho da gente que *Omama* criou na floresta no primeiro tempo. Eu nasci de seu esperma e de seu sangue!”²⁹ Como meus antepassados, tenho em mim o valor de sua imagem! É por isso que defendo a terra que ele lhes deixou!”. Então, prossigo: “Vocês são outra gente. Vocês não dão festas *reahu*. Vocês não sabem fazer dançar os *xapiri*. Nós somos o pouco de habitantes da floresta sobreviventes das fumaças de epidemia de seus pais e avós. É por isso que quero lhes falar. Hoje, não permaneçam surdos a minhas palavras e proibam os seus de destruir nossa terra e acabar conosco também!”.

Falar da morte de meus maiores me entristece, e a ira de seu luto imedia-

tamente volta ao meu peito. Minhas palavras endurecem e os que me escutam são tomados de aflição. Permanecem em silêncio, seus olhos dão dó. Então, insisto com força: “Vocês não entendem por que queremos proteger nossa floresta? Perguntem-me, eu responderei! Nossos antepassados foram criados com ela no primeiro tempo. Desde então, os nossos se alimentam de sua caça e de seus frutos. Queremos que nossos filhos lá cresçam rindo. Queremos voltar a ser muitos e continuar a viver como nossos antigos. Não queremos virar brancos! Olhem para mim! Imito a sua fala como um fantasma e me embrulho em roupas para vir lhes falar. Porém, em minha casa, falo em minha língua, caço na floresta e trabalho em minha roça. Bebo *yākoana* e faço dançar meus espíritos. Falo a nossos convidados em diálogos *wayamuu* e *yāimuu*! Sou habitante da floresta e não deixarei de sê-lo! Assim é!”.

Antigamente, os brancos falavam de nós à nossa revelia e nossas verdadeiras palavras permaneciam escondidas na floresta. Ninguém além de nós podia escutá-las. Então, comecei a viajar para que as pessoas das cidades por sua vez as ouvissem. Onde podia, espalhei-as por suas orelhas, em suas peles de papel e nas imagens de sua televisão. Elas se propagaram para muito longe de nós e, ainda que acabemos desaparecendo mesmo, continuarão existindo longe da floresta. Ninguém poderá apagá-las. Muitos brancos agora as conhecem. Ao ouvi-las, começaram a pensar: “Foi um filho dos antigos habitantes da floresta que nos falou. Ele viu com seus próprios olhos os seus parentes arderem em febre e seus rios se transformarem em lamaçais! É verdade!”.

Nossas palavras para defender a floresta nos foram dadas por *Omama*. Sua força provém da imagem dos ancestrais do primeiro tempo, de quem somos os fantasmas.³⁰ Foram eles que nos ensinaram a valentia que me permite falar com firmeza aos grandes homens dos brancos. Por isso, ficam preocupados quando minhas palavras invadem seu pensamento: “*Hou!* Essa gente da floresta não tem medo! Suas palavras são duras e eles não recuam!”. Na primeira vez em que me dirigi ao presidente do Brasil, pedi a ele que expulsasse os garimpeiros de nossa floresta.³¹ Ele me respondeu, com hesitação: “São numerosos demais! Não tenho nem aviões nem helicópteros suficientes para tanto! Não tenho dinheiro!”. Repetiu-me essas mentiras como se eu fosse desprovido de pensamento! Eu trazia em mim a revolta de minha floresta destruída e de meus parentes mortos. Retruquei que com aquelas palavras tortas ele só queria nos enganar e deixar que nossa terra fosse invadida. Depois acres-

centei que para falar assim ele devia ser um homem fraco com o espírito cheio de esquecimento, de modo que não podia pretender ser um grande homem de verdade.

Quando eu era mais jovem, costumava me perguntar: “Será que os brancos possuem palavras de verdade? Será que podem se tornar nossos amigos?”. Desde então, viajei muito entre eles para defender a floresta e aprendi a conhecer um pouco o que eles chamam de política. Isso me fez ficar mais desconfiado! Essa política não passa de falas emaranhadas. São só as palavras retorcidas daqueles que querem nossa morte para se apossar de nossas terras.³² Em muitas ocasiões, as pessoas que as proferem tentaram me enganar dizendo: “Sejamos amigos! Siga o nosso caminho e nós lhe daremos dinheiro! Você terá uma casa, e poderá viver na cidade, como nós!”. Eu nunca lhes dei ouvidos. Não quero me perder entre os brancos. Meu espírito só fica mesmo tranquilo quando estou rodeado pela beleza da floresta, junto dos meus. Na cidade, fico sempre ansioso e impaciente. Os brancos nos chamam de ignorantes apenas porque somos gente diferente deles. Na verdade, é o pensamento deles que se mostra curto e obscuro. Não consegue se expandir e se elevar, porque eles querem ignorar a morte. Ficam tomados de vertigem, pois não param de devorar a carne de seus animais domésticos, que são os genros de *Hayakoari*, o ser anta que faz a gente virar outro.³³ Ficam sempre bebendo cachaça e cerveja, que lhes esquentam e esfumaçam o peito. É por isso que suas palavras ficam tão ruins e emaranhadas. Não queremos mais ouvi-las. Para nós, a política é outra coisa. São as palavras de *Omama* e dos *xapiri* que ele nos deixou. São as palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo. Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas ou jabutis. Por isso não conseguem entender nossas palavras.

Não temos leis desenhadas em peles de papel e desconhecemos as palavras de *Teosi*. Em compensação, possuímos a imagem de *Omama* e a de seu filho, o primeiro xamã. Elas são nossa lei e governo. Nossos antigos não tinham livros. As palavras de *Omama* e as dos espíritos penetram em nosso pensamento com a *yãkoana* e o sonho. E assim guardamos nossa lei dentro de nós, desde o primeiro tempo, continuando a seguir o que *Omama* ensinou a

nossos antepassados. Somos bons caçadores porque ele fez entrar em nosso sangue as imagens dos gaviões *wakoa* e *kāokāoma*. Não precisamos ensinar nossos filhos a caçar. Bem jovens, começam por flechar lagartos e passarinhos e depois, quando crescem, vão caçar animais maiores. *Omama* nos deu também as plantas de nossas roças, que lhe foram dadas pelo sogro, vindo das profundezas das águas. Ensinou-nos o modo de construir nossas casas e de cortar nossos cabelos. Ensinou-nos a dar nossas festas *reahu* e a pôr em esquecimento as cinzas de nossos mortos. Transmitiu-nos todas as palavras de nosso saber. Já os brancos têm escolas para isso. O que eles chamam de educação, para nós são as palavras de *Omama* e dos *xapiri*, os discursos *hereamuu* de nossos grandes homens, os diálogos *wayamuu* e *yāimuu* de nossas festas. Por isso, enquanto vivermos, a lei de *Omama* permanecerá sempre no fundo de nosso pensamento.

É em virtude dela que não maltratamos a floresta, como fazem os brancos. Sabemos bem que, sem árvores, nada mais crescerá em sua terra endurecida e ardente. Comeremos o quê, então? Quem irá nos alimentar se não tivermos mais roças nem caça? Certamente não os brancos, tão avarentos que vão nos deixar morrer de fome. Devemos defender nossa floresta para podermos comer mandioca e bananas quando temos a barriga vazia, para podermos moquear macacos e antas quando temos fome de carne. Devemos também proteger seus rios, para podermos beber e pescar. Caso contrário, vão nos restar apenas córregos de água lamacenta cobertos de peixes mortos. Antigamente, não éramos obrigados a falar da floresta com raiva, pois não conhecíamos todos esses brancos comedores de terra e de árvores. Nossos pensamentos eram calmos. Escutávamos apenas nossas próprias palavras e os cantos dos *xapiri*. É o que queremos poder voltar a fazer. Não falo da floresta sem saber. Contemplei a imagem da fertilidade de suas árvores e a da gordura de seus animais de caça. Escuto a voz dos espíritos abelha que vivem em suas flores e a dos seres do vento que mandam para longe as fumaças de epidemia. Faço dançar os espíritos dos animais e dos peixes. Faço descer a imagem dos rios e da terra. Defendo a floresta porque a conheço, graças ao poder da *yākoana*. Seu espírito, *Urihinari*, e o de *Omama* só são visíveis aos olhos dos xamãs. São suas palavras que dou a ouvir agora. Não são coisas que vêm só do meu pensamento.